

Revista Nova

Lisboa, 5 de abril de 1901

IMP. AFRICANA — R. das Flores, 99 E 101

EDITOR — ILLYDIO ANALIDE DA COSTA

CHRONICA TRISTE

O Enterro do Christovam

TARDE de maio, plena de primavera. Um fremito de vida, d'amor, de serenidade, pullulava, beijava em voluptuosidade casta o ceu azul e limpido de sertaneja aldeia alem-tejana. Nem o mais leve murmúrio nas folhas das arvores ou nas espigas das searas. Pardaes, cotovias e andorinhas, esvoaçando, poisando aqui, ali, chilreavam hymnos á creação renovadora. Abutres fortes, milhanos, grifos, aguias, cortando n'um bater acompassado d'azas o sereno das alturas, iam de volta, talvez, ás suas moradas, ainda longe, de córregos e penhascos. Tarde pantheista, mas triste como um threno bíblico.

Toda a aldeia parecia envolta n'um veo de morte, porque o sino dobrava plangente, farpeando, em resaltos de caridade catholica, o cachão da magoa, o coração dos ingenuos e dos medrosos.

O padre, de sobrepeliz e estola negra, sae da egreja, a toada funebre dos responsorios esmorece, e a cruz alçada e homens com opas brancas e vermelhas lá se encaminham ao cemiterio, ao toque retinido, penetrante, da campainha, com a tumba que leva o cadaver do Christovam do Monte, o Christovam, como todos só lhe chamavam na aldeia.

A's portas que abrem para o adro, ás esquinas que dobram para a estrada do cemiterio, ajuntamentos de mulheres, de raparigas enxugando lagrimas, e dizendo todas, em soluços, o ultimo adeus ao mais alegre, divertido e bom dos rapazes que até ali cantara as cantigas mais amorosas e enternecedoras.

O acompanhamento, — o maior de que ha memoria na aldeia — todo de chapeo fóra, silencioso, com os rostos sulcados de contemplação triste, vae subindo vagarosamente a estrada, olhando os cyprestes que além esperam, esguios, densos, escuros, n'uma desolação mortal. E o sino continuava a bater em dobre desapiedado.

D'uma e outra banda, infindos escampados, reinchantes de searas que começam a alourar, valles, montes, collinas, matizados, a espaços, do bronze dos azinhaes, cambiados de verde, de azul, de vermelho, de relva, de lirios, tulipas e papoulas. Para o nascente, a planicie é mais vasta, muito vasta, salpicada de longo em longo traço de casaes brancos de neve, e estendendo-se, estendendo-se sempre, até perder-se, lá muito

ao longe, nas serras de Hespanha, que uma sombra de gaze azul-escura envolve.

Outra vez, a tumba descança. Volta-se a cruz, e um Christo de metal branco, pendendo a cabeça, tem um olhar sombrio de morte para o cadaver do Christovam, que de novo vae ser hyssopado, hyssopado talvez para apodrecer mais depressa na sua sepultura rasa.

Acabou-se o responsorio, a campainha repete o retinido secco, penetrante, e o prestito segue. A tarde vae cahindo lenta, dolorosa.

—Quah! quah! crucitam dois corvos que passam, em cheiro de carne morta.

As borboletas voltejam, rapidas, febris, amorosas, tocando ao de leve na flôr azul-rôxa dos linhos; zumbem insectos, tremula levemente a luz á superficie da terra, e roga a oliveira, pendente na sua melancolia eterna, uma prece de repouso, d'amor e de paz.

A porta do cemiterio está aberta, e ali se reza o penultimo responso. A cova, fria de arrepiar, está a dois passos, e todos ouvem, sem escutar, que passa uma ballada lugubre, cortante de vida. O sol escôa raios atravez das ramarias das arvores dos montes sobranceiros, e uma ovelhita que ali pasta, proximo, levanta a cabeça, olha mansa, serena, e parece dizer:

—Um enterro! e o acompanhamento vem muito triste. Tambem tenho pena! Mas, olá, Senhor dos exercitos, aqui pasta uma ovelha que não teme a vossa colera nem o inferno da theologia catholica. Sei o meu destino: furtaram-me ao dente d'um lobo e guardam-me para melhor festim. A minha morte ha de causar alegria. O Christovam desce á cova embalado a responsorios funebres, soturnos, de latim barbaro, monotono, malfazejo; eu serei mais feliz: subirei dos pratos d'um baptisado ou d'uma boda ás guellas dos convivas, ao ruido da gargalhada, de ditos picantes, ironicos, sarcasticos, em algazarra de choque de copos de vinho, quente, hilariante. Não me horrorisa a morte, como a estes medrosos, porque não tenho a alma como a d'elles, conforme prégam os cagarretas da filosofia da immortalidade. Ah!... Mas, digam elles o que disserem, eu creio n'um Deus carinhoso, que se funde immenso em toda a Natureza immensa, e quem sabe se o espirito da minha mansidão, livre d'esta lâ que o prende, não irá, n'este giro eterno, encontrar-se no mesmo arco azul do ceu com o espirito bom do Christovam, agora liberto, por caridade dos responsorios e da agua benta, d'uma camisa e ceroulas d'algodão e d'um fato de casimira tecido do pello dos meus avós!...

E continuou a pastar, depois d'um balido de compaixão, intimo, mysterioso.

Martins Figueira.

O Fim de um Poeta

.....

GOMES LEAL, o luminoso artista das *Claridades do Sul* e da *Historia de Jesus*, o indignado propheta do *Renegado*, da *Traição*, do *Hereje*,—publicou, entre os bravos da critica applaudidora de reputações já feitas, os seus três ultimos livros: o *Fim de um Mundo*, a *Morte*

do rei Humberto, e aquelle sermão de padre de aldeia com piadas de barbeiro a que o extinto poeta chamou *Krüger e a Hollanda*.

Havia muito já que o poeta se callára e o seu silencio apenas tinha sido cortado pela appareição do *Estrangeiro Vampiro* — onde, de quando em quando, salpicando-o de luz, se reconhecia o fôlego do grande artista da Imagem. E entre amigos meus, das relações de Gomes Leal, fallava-se como d'uma cousa assombrosa naquella rajáda de ironia rimada que ia sair da bôca do poeta, cortante e justa, atirando abaixo num sôpro de desolação toda a fecunda seára dos ridiculos nacionaes. E todos concordavamos. O momento não podia ser melhor. Para a feira que ahí está armada, só varrê-la a marmeleiro minhôto ou tomar o partido de nos rirmos dos palhaços. E Gomes Leal, o lyrico da *queixosa voz que enternecia o ar*, ia, fazendo-o preceder dos grandes gestos de Revolta que são os seus poemas antigos, desenhar uma série de caricaturas symbolicas, em poucas linhas, — *a carrão*, — em que cada traço devia valer uma punhaláda e cada attitude um pelourinho eterno.

E o *Fim de um Mundo* sahiu.

Falhando á nossa espectativa e á nossa esperanza, volumoso e mediocre como se fosse obra de um socio da Academia, o livro salvava-se pelo valôr das poesias nelle reeditadas e pelas bôas intenções do auctor, — o que, para Gomes Leal, era muito pouco.

Na minha admiração a todo o transe pelo poeta, esperei ainda. Confrangido em frente d'aquella decadencia de que me não queria vencer porque a julgava insultuosa e injusta, explicava-a, por fim, pela incapacidade de um temperamento essencialmente lyrico em se moldar á tortuosidade flexivel da ironia. O proprio Gomes Leal devia tê-lo reconhecido, embora aquillo já fôsse uma reincidencia do inferior sarcasmo do *Anti-Christo*.

Mas logo a seguir a este desastre, numa febre de publicidade que nunca, infelizmente, o incitou no seu bom tempo, veio, a proposito da morte do rei Humberto, reunir em volume os artigos elogiativos ao *Fim de um Mundo*, como se o assaltasse uma duvida sobre o valôr d'esse seu ultimo trabalho. E declarava, não sei se ao publico se ao juiz Veiga, num estylo diffuso, lacunoso, evidentemente pathologico, com inquietadores ressaibos do estylo do Rosalino, — que elle, Gomes Leal, conhecido poeta ex-lyrico, ex-satanico e, presentemente, satyrico, não era um d'esses *monstros* sem Patria e sem Deus, semeiadores da morte no gesto tragico d'um lançar de bomba explosiva.

Tão verdade, que até «o digno magistrado e proeminente escriptor contemporaneo, dr. Trindade Coelho», lhe tinha passado um attestado de génio e bons costumes.

Mas o Gomes Leal de hoje que, antecipando-se ingenuamente á problematica curiosidade do publico, nos veio explicar a realisação technica da sua obra presente, enumerando os cinco processos de convicção que empregou, as notas que feriu e a razão porque usou do *espirito* francês em logar da chalaça lusitana, esse Gomes Leal tinha que tentar rebaixar ainda, com uma nova producção, um certo Gomes Leal antigo, sem editor e sem glorificação de jornaes, que escrevia com menos processos de convicção e mais talento, e não vinha ensinar ao publico a receita para fazer obras-primas.

E «para os milhafres gargalharem» o *Krüger e a Hollanda* veio a lume. E' possivel que os milhafres se rissem. mas os inimigos do poeta,

se elle os tem, é que se riram com toda a certeza. D'esta vez não havia duvida possivel. A longa doença que tinha manifestado os primeiros symptomas num ou outro verso isolado da sua obra antiga, que se declarára na inferioridade relativa das *Serenadas do Hilario*, agravando-se no *Estrangeiro Vampiro*, tivéra o desenlace fatal no *Fim de um Mundo*, que marcou a agonia final do poeta. A reedição dos versos do passado era já como um delirio em que o artista se puzesse a repetir, talvez sem as perceber, as suas façanhas de outro tempo. E aquelle mostrengo com pretensões a satyra, o *Krüger*, de que eu, se podesse, teria comprado a edição inteira para poupar ao Gomes Leal da minha admiração o attribuirem-lhe a paternidade de semelhante estupôr — não era, como a *Morte do Humberto* não tinha sido tambem, do hoje fallecido poeta das *Claridades do Sul*: o artista da Imagem, o lyrico do Enternecimento, a tempestade da Indignação.

E' a esse Gomes Leal — o grande e verdadeiro Gomes Leal — que eu me dirijo. Faço-o com toda a fé que deve ter quem espera ser ouvido e com todo o respeito com que se evôca um grande Morto — tamanho, que eu ainda acreditaria se me dissessem que elle ia resuscitar. E a esse, ao Morto, ao que esmaga ainda sob o peso da sua lembrança quantos se aproveitarem do seu formidavel nome, é que eu denuncio, — porque salvar uma gloria é mais do que salvar uma vida — o auctor do *Humberto* e do *Krüger* que anda a triumphar com um suppôsto nome no jornalismo nacional.

O Morto deve conhecê-lo. Pois bem: siga-lhe os passos, acompanhe-o sempre, vigie-o sempre. E, quando elle quizer escrever, prenda-lhe os braços; quando elle abrir a bôca para fallar, deite-lhe meio-litro pelas guellas abaixo!

Silvio Rebello.

A Juan Jiménez

.....

Tienes, joven amigo, ceñida la coraza
Para empezar valiente la divina pelea?
Has visto se resiste el metal de tu idea
La furia del mandoble y el peso de la maza?

Te sientes con la sangre de la celeste raza
Que vida con los números pitagóricos crea?
Y, como el fuerte Herakles, al león de Nemea
A los sangrientos tigres del Mal darías caza?

Te entenece el azul de una noche tranquila?
Escuchas pensativo el sonar de la esquila
Quando el Angelus dice el alma de la tarde

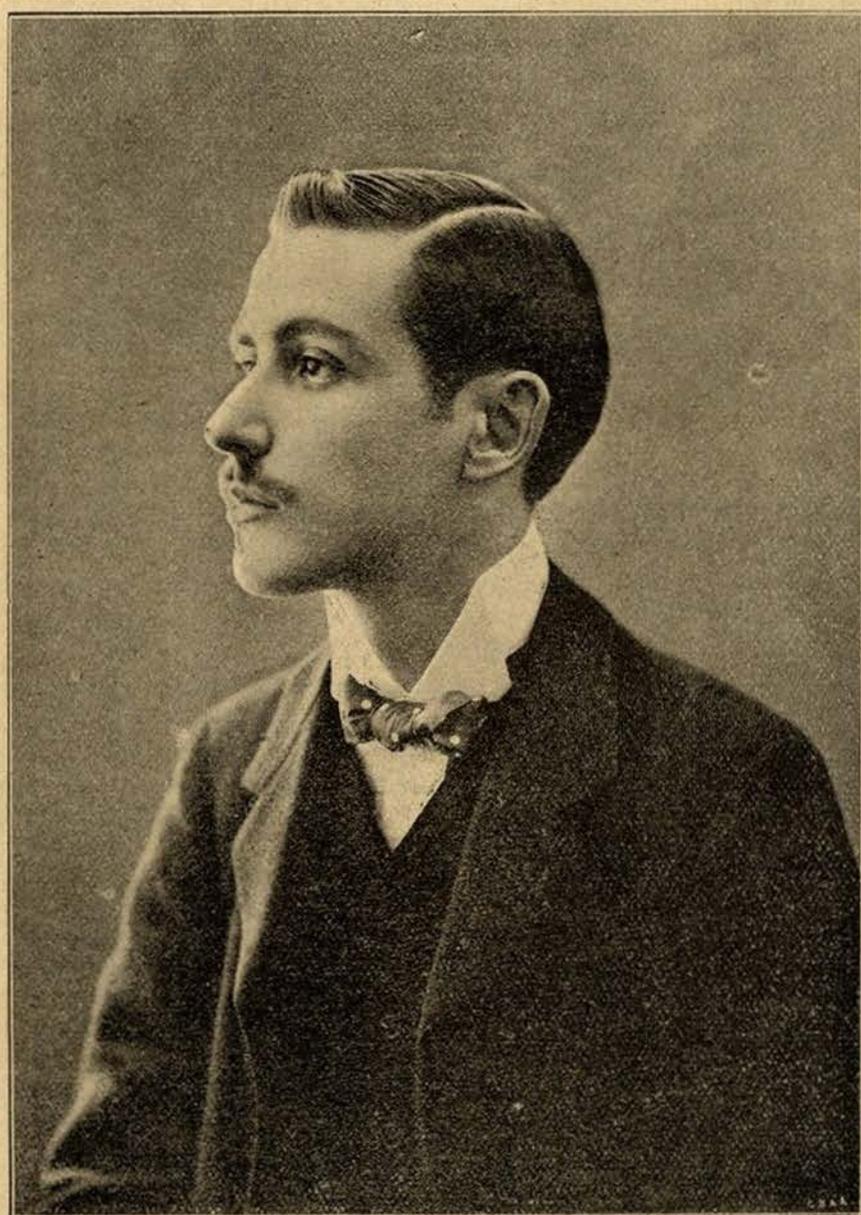
Y las voces occultas tu razón interpreta?
Sigues, entonces, tu rumbo de amor. Eres poeta.
La Belleza te cubra de luz y Dios te guarde.

Paris, 1901

Rubén Darío.

A HESPAHA ARTISTICA

Os Novos



JUAN JIMÉNEZ

Auctor das *Ninfas* e das *Almas de Violeta*

O Gebo

.....

HEIS-DE tel-o encontrado, esse velho gordo, de cabellos brancos estacados e um ar de afflicção, que faz riso e piedade. Tomba ás vezes na rua, levanta-se, e, todo enlameado, olha p'ra os lados e chora; depois caminha esbaforido. Parece que vae gritar esse ser molle e gordo, de cabellos brancos estacados, e, de subito, baixinho, pede-nos esmola. Tem um riso de humilhado e o aspecto de uma bola de sebo—de cabellos brancos estacados. E' o Gebo. E' um gebo, por ser picaro e rôto e por a desgraça o ter calcado aos pés até o tornar ridiculo.

Triste existencia sem odio e sem gritos. A vida não na entendia e a cada empurrão tinha um olhar espantado e afflicto, de quem não comprehende. Que mal fizera? Pois a desgraça faz rir? O soffrimento faz rir?

E em torno as boccas escancaravam-se, ao verem-no gordo, pedinchão e desgraçado.

As peores ruinas resumem-se n'esta secca phrase:—ser infeliz. Ha seres que nascem com uma sina—amargar a vida. Tudo lhe corria torto, até as coisas mais banaes e mais reles, as coisas que para os outros nem mesmo existem, e elle punha-se a olhar para a desgraça, atarantado e estúpido. Que mal fizera para soffrer?

Além de desgraçado, este homem fôra sempre picaro: assim no globo passam existencias ignoradas de soffrimento e bondade, que não deixam o mais simples vestigio, como os veios d'agua escondidos e que no entanto são a vida da terra. Mesmo perto a chorar, a sua mascara, de cabellos brancos estacados, fazia rir.

Sempre a suar, quasi sem saber gritar, nem saber queixar-se, o Gebo tinha um coração igneo. Era d'estas creaturas a quem um montão de desgraças torna ainda mais ridiculas: a ruina, a quebra, a miseria, a fome. Enlameado pela vida fôra, resignado e chorão, elle ahi vae...

—O' Gebo!

—Anh?

E todos se riam ao vel-o chorar d'afflicção. Diziam uns: Que não fosse tolo!—E os pobres, a quem elle tanta vez valera, gostavam de o ver calcado e humilde como a terra dos caminhos. Qual é a razão porque a desgraça alheia consola a nossa propria desgraça, dizem-me?...

A tresuar, afflicto, depois de espesinhado ainda esse sêr molle e gordo aos quarenta annos, cria na vida como as arvores e as creanças crêem.

Em que hora aziaga encontrara a má sorte que nunca mais o deixou?

Ha creaturas em quem a desgraça se escarrancha no cachaco e é p'ra sempre! p'ra toda a vida! Nunca mais as larga. Viêra a quebra, afflicções sem conto, ainda mais negras que o coração dos outros. Enganavam-no com a alegria de o verem rebaixado e perdido, empurrão d'aqui, empurrão d'acolá, aos tombos por esse mundo.

Era casado o Gebo e tinha esta felicidade: uma filha. Oh uma filha!... Uma filha sempre prende á existencia! Uma filha pequenina sempre tem nas mãosinhas uma força!

Assim esse velho ridiculo e gordo tambem fôra feliz outr'ora. Era d'estes lares apagados e sumidos, onde a vida corre com a monotonia

d'uma fonte, sempre igual e prompta a apagar todas as boccas sequiosas. Uma casinha velha, um quintalorio com seis arvores, um fio rumoroso d'agua, e as janellas abrindo para a sombra amiga das fructeiras. Alli era a felicidade. Dão-nos as arvores toda a sua sombra: nunca nos enganam.

Muito tempo mentira á mulher, que ia vivendo illudida. Ria o Gebo em casa com o coração torcido, para que ellas fossem felizes mais algumas horas—ultimas horas tiradas á desgraça. Até que um dia succumbiu.

—Eu não te queria dizer... Mas, ó mulher! ó mulher!...

—Que é? Que foi?...

—Estamos perdidos, estamos perdidos...

—Perdidos?!

—Sim, estamos... E agora? agora?... Ninguem me vale, ninguem se importa. Tenho pedido, tenho andado... e já não posso. Estamos perdidos, mulher!

—Anh? Perdidos?

—Sim.

—Tu é que tens a culpa, não tens mesmo finura nenhuma. Riem-se de ti. Todos te enganam e ainda por cima se riem de ti. Anda, vae!... Tu que queres? Que ha de ser de mim e da pequena? Nós temos culpa das tuas tolices, das tuas desgraças?...

—Não, mulher, não, bem sei.

—Anda!

E elle voltava, todo o dia corria esbaforido, até que uma noite a mulher viu-o entrar, sem chapéu, enlameado, exausto—e de cabellos brancos estacados. A ingratição embranquecera-o. Era ao crepusculo. Tombado, como uma bôla de gordura, tremia abalado pela dôr, monologando baixinho:

—Oh, a minha filhinha! E todos se riram de mim, todos!... Ninguem se importa. Quem quer saber da desgraça dos outros? Ai, a minha filha!...

Começou uma vida desorientada e feroz. Parecia que de todos os lados havia vozes a clamar, a escarnecer-o: —O Gebo! O Gebo!— Nunca mais houve paz na terra para elle: mesmo no seu lar tinha certo a toda a hora os ralhos da mulher desvairada e as lagrimas silenciosas da filha. Oh, essas horas ferreas em que olhára em torno perdido e só vira secura e risos! essas horas tinham-lhe deixado suor d'afflicção para o resto dos seus dias. Tudo se arrazára. E curvava-se sob as palavras da mulher, amachucado, sem forças para lutar, quebrado pelos desenganos e pela indiferença dos outros.

—E agora? agora? perguntava-lhe ella.

E elle, cahido:

—Agora não sei, agora morremos todos á fome.

Batera em vão a todas as portas, aniquilado, sem idéas e sem forças. Só sabia chorar, molle e grotesco, emquanto a mulher, que a desgraça seccára, lhe atirava improperios, gritos:

—Mas levanta-te! Procura! Salva-nos!

Anda, Gebo! Elle lá ia, tornava aos amigos, pedinchão, desnorteado, atraz de empréstimos, de demoras, trocando as palavras e desatando de subito a esbracejar em gritos e soluços...

Heis-de tel-o encontrado a esse velho gordo, de cabellos brancos estacados, aos empurrões na vida e com um ar d'afflicção que faz riso e piedade.

— O' Gebo!

— Anh?

— Conta.

E elle logo, em palavras soltas, precipitadas, bebado de lagrimas:

— O' Senhor!... Tanto tenho andado e tanto tenho soffrido! Quanto mais faço peor, ainda é peor. E já não posso mais, eu já não posso mais... Acabou-se! Só Deus sabe pelo que tenho passado, as desgraças que tenho rapado e as afflicções, para arranjar ao menos o triste pedaço de pão para a bocca... O peor é d'ellas. O meu coração estála, tanto tenho soffrido. Trago a noite cá dentro. Que se lhe ha de fazer? Curtir a desgraça. Anh? Tenho pena de ter sido honrado...

E fica com a bocca aberta, chorão, de cabellos brancos estacados.

Raul Brandão.

A conspiração do silencio

.....

É d'uma abominavel transigencia ou d'um revoltante cynismo o silencio em que ha muito se enclausuraram três dos maiores escriptores da nossa terra: — Guerra Junqueiro, Ramalho Ortigão e Fialho d'Almeida. Depois de terem combatido por um grande e patriotico Ideal, estes três homens calaram-se, e calam-se, ou, se ainda escrevem uma vez por outra — como Junqueiro e como Fialho — é sem o antigo e ardente genio de combate, — o que vale tanto, actualmente, como estar calado. É essa apathia em que se deixam ir é um crime.

Porque sabendo-se, como todos o sabem hoje, que a expressão do pensamento de quem é e, por conseguinte, se julga superior aos outros, constitue um dever, — um sagrado e evidente dever — o silencio d'esses três homens traduz a mesma falta de solidariedade que condemna aquelles que, tendo pão, o não repartem com os esfaimados. Demais a mais a nossa litteratura, dominada como está por uma maioria de imbecis e de vaidosos, bem precisa de fortes espiritos que a ponham no bom caminho; e não sei de muitos que possam substituir os que eu hoje accuso como culpados da maior covardia que uma consciencia honesta póde comprehender.

Que não é, afinal, por transigencia nem por cynismo, como eu ao principio disse, nem tão pouco por *um pessimismo canceroso e corrosivo, minando as almas, crystallizado já em fórmulas banaes e populares*, como diz o Poeta no *Balanço Patriotico da Patria*, que o silencio é explicavel: — apenas o é por covardia, não pelo mêdo dos outros, mas pelo mêdo de se incommodarem a si proprios.

E', na verdade, para desejar a *aurea mediocritas* de uma boa digestão acompanhada d'um bom charuto, sem cuidados e sem a perturbadora lembrança de que ha a nossa nacionalidade e a nossa Arte para resuscitar, quasi; mas é doloroso, profundamente doloroso para o nosso orgulho, confessar, neste flagrante momento da agonia de Portugal, que três homens de intelligencia e de coração fecham os ouvidos ás queixas e ás imprecações dos que soffrem e dos que pedem luz, e se recusam a repetir essas queixas e essas imprecações, as mais das vezes vagas e confusas, numa linguagem clara e precisa; isto é, a pôrem ao

serviço d'uma grande causa as suas almas e as suas vozes, como já o fizeram: Ramalho quando chicoteou, com o protesto viril e leal das *Farpas*, velhos preconceitos e velhos ridiculos; Fialho quando, na phrase de Junqueiro, varreu o Chiado, espiolhou a Havaneza, catou S. Bento; e o Poeta da *Patria* quando neste livro, na *Velhice do Padre Eterno* e na *Morte de D. João*, avermelhou os corações num forte clarão de Justiça ou em discursos abriu, como diz Fialho d'Almeida, o ventre ao constitucionalismo portuguez e tirou-lhe de dentro, sob uma chuva de phenol, todos os cancos e sanias purulentas, que ha cincenta annos fazem d'elle uma especie de monstro afflictivo, contagiador dos que se lhe approximam.

E' vergonhoso pensar que elles se calaram — que se calaram por commodidade — já que de todas as causas é esta a unica que me parece provavel e attendivel por menos degradante, affastada a hypothese de cansaço ou esvaimento intellectual, que se não dá. Tão vergonhoso que eu sinto-me culpado tambem — culpado porque não gritei ha mais tempo contra esta conspiração de silencio, com que três dos nossos maiores escriptores inutilisam, voluntaria ou involuntariamente, a sua energia que tão preciosa e tão necessaria nos é.

*
* *

Como commentario:

De Ramalho Ortigão, nas *Farpas*, fallando de Alexandre Her-
culano:

«...rescinde a sacrosanta escriptura da responsabilidade univer-
sal, por via da qual o genio do homem se obriga tacitamente com a
natureza a servil-a, como sendo elle mesmo a mais poderosa das forças
de que dispõe o grande universo, *desdiz com o seu repentino silencio
todas as affirmações da sua grande voz*;nega o movimento que
creou pela inacção em que caiu; desdá, finalmente, todos os laços de
solidariedade que o prendiam aos seus compatriotas e aos seus semelhan-
tes, que vinculavam o seu destino intellectual aos destinos da Patria e
da humanidade».

Amen!

Coimbra.

João de Barros.

Saudade

Rosa de maio entre a verde relva
Que o rebanho mordida de vagar,
Enchia de perfumes toda a selva
Como um ramo de lirios ao luar.
O meu abbade, piedosa alma
Com pranto para todo o soffrimento,
Se a via descansando, pela calma,
Tecendo finas rendas entre o armento,
Ficava-se enlevado na candura
Da sua fronte e do seu dôce olhar,
E na graça da sua formosura,
E na sua pureza de luar.

Vejo-a ainda nas relvas do montado,
 Menina e moça, coração palreiro,
 Jasmin das serras branco e perfumado.
 E não houve no povoado inteiro
 Pastora mais ingenua e mais formosa,
 Aberta em rude e virginal canteiro.
 Vejo-a ainda! Na hora lacrimosa
 Do poente é que os seus olhos encantados
 Se enchiam d'uma luz casta e piedosa!...
 Nossa Senhora dos Desamparados
 Porque não acolheste nos arminhos
 Do teu manto, a flôr alva dos vallados,
 Alma innocente como os passarinhos
 Tocando as coisas de candura e luz
 E dando flôr ás pedras dos caminhos!
 Foi bem pesada a sua dura cruz
 Por este inverno agreste e desfolhado
 E tão sem manchas a creou Jesus!...
 Nenhuma flôr da escriptura ainda
 Teve mais suave olhar immaculado,
 E foi tão pura, tão christã e linda!

Morreu de saudades no curral,
 A manada innocente e desditosa,
 Depois que tu partiste do pombal,
 E foste repousar perto de Deus
 D'onde tinhas fugido, um dia, rosa
 De luz, caída de magoados ceus.
 Vão-se-me os olhos seccos de chorar
 Nas saudades d'essa casta vida,
 Oh! meu formoso coração sem par,
 Minha estrella tão cedo amortecida!

João Grave.

Etiologia d'um mediocre

.....

Foi ainda não ha muitos dias que eu li, num velho jornal de mais de dois mezes, esse artigo espantoso que me indignou pela sua miseria total e pela sua falta de probidade.

Era acerca da tuberculose, e descobria um meio de a curar — o quartel.

Não vale a pena transcrever nenhum dos seus periodos, porque estava pessimamente escripto; basta a sua conclusão que assombra, porque é um conselho ás mães a metter os filhos nos quartéis!

Dizia isto—esta coisa desgraçada: que essas marchas forçadas, esses alimentos pessimos, essas mochilas pesando nove kilos e uma escaavidão — que tudo isso cura a tuberculose.

Este artigo era assignado por este nome — Abel Botelho.

Mas quem é o sr. Abel Botelho?

Não comprehendo, em primeiro lugar, com que direito poderá este senhor fallar ás mães, quer como militar representando a mais odiosa das convenções humanas, quer como escriptor que se tem revelado uma incançavel mediocridade.

Para as mães, o sr. Botelho será sempre o defensor d'uma lei que lhes rouba os filhos ao lar, ao seu amor, ao seu trabalho, á sua vida, e lhes põe uma espingarda sobre os hombros.

Para nós, o sr. Abel Botelho é um dos velhos espiritos usados, que ficaram agarrados á admiração das suas proprias obras, e nada mais produzirão de novo.

E' um d'estes *fadistas do pensamento* que nos estão esperando ás esquinas e não nos querem deixar passar. Mas nós passaremos—e sem lhe pedir licença, acredite-o.

O sr. Abel Botelho começou a sua vida de escriptor por publicar, em 1885, um livro de versos, *A Lyra insubmissa*, debaixo do nome de Abel Accacio, onde por signal não mostrou nenhum valor nem como Abel nem como Accacio.

Revelava-se um mata-moiros de gallicismos, revoltava-se contra as ideias francezas, contra as modas francezas e, por fim, declarava a França exhausta e a definhar-se sob o regimen pernicioso da opera comica.

Isto era o prefacio; o livro em si era de versos mal feitos.

E', porém, um pouco mais tarde, que o sr. Botelho começa a ser conhecido com o *Barão de Lavos*, o *Germano*, e os *Vencidos da Vida*. Em todos estes livros, ao lado d'um incontestavel poder descriptivo, não se abre uma ideia grande, uma these, um plano; a não ser o escandalo previsto por meia duzia de palavras de bordel.

O *Barão de Lavos* é, por exemplo, uma procissão de ephebos.

Um homem—o barão—parece morrer no fim com uma especie de *tabes* de almanack; a mulher prostitue-se; uma duzia de mariolões passam.

E tudo isto é o romance, sem uma vibração de vida, arrastando-se atravez d'aquellas innumeradas paginas, como outros tantos fantoches, que para se fingirem homens até nos fazem gestos indecorosos.

A forma é irregular, desagradavel; algumas palavras saltam no meio das phrases, fazendo-nos cançar, parar, como essas pedras nas ruas mal calçadas que se levantam acima das outras e nos fazem tropeçar constantemente.

No *Livro de Alda*, com réles reminiscencias da *Sapho*, apparece-nos a collaboração declarada do *Bolacheira*.

Alda dá-se ares de *Sapho* na sua vida; e aquelle rapaz meio palerma, que ella encontra á sahida d'um baile de mascaras, com certeza que tinha lido na vespera o Daudet, carregando ao collo do seu Jean Gaussain aquelle admiravel fardo de mulher e trazendo-o pela escada da habitação d'ella—tão grande, tão grande, que até lhe deu tempo de sofrer horrorosamente a deliciosa e primeira impressão das suas pulseiras enterrando-se-lhe na carne.

O auctor desce n'este livro ás maiores minuciosidades de descripção, e toca de leve, sómente, a psychologia dos seus personagens, a ponto d'elles começarem, de vez em quando, a fazer coisas que nunca esperamos d'elles, como o amante de *Alda* que entra, por fim, em casa de *Branca* por meio de recursos de gymnastica.

E' claro que não exigimos ao sr. Botelho que nos diga se o rapaz aprendeu ou não a gymnastica sufficiente para a applicar n'aquelle momento terrivel da sua existencia; o que pedimos e exigimos é o conhecimento pleno dos seus personagens, a sua vida no romance e o desenrolar dos seus sentimentos, logicamente e gradualmente.

E' isto.

O *Sem Remedio*, para fallarmos ainda do seu ultimo livro, é um romance de parvos em liberdade.

É um capitão parvo e conquistador que conquista uma menina não menos parva, já amada por um parvalhão. Eis tudo; mas o que é interessante é que, de capitulo para capitulo, desconhecemos completamente os personagens: não são os mesmos, apesar do mesmo nome; e chegamos ao fim quasi com saudades dos primeiros, que sempre são um bocadinho mais intelligentes.

A arte d'este homem, que qualificou ainda ha poucos dias de infantil a technica do Eça, nem tem um bocado de sinceridade a resgatá-lo.

Ainda não ha muito tempo, tambem, na redacção d'uma revista onde o sr. Botelho dizia pessimamente d'uma peça de theatro, lhe perguntaram porque a elogiara então poucos dias antes n'um artigo?

O sr. Botelho, estamos a vê-lo, esboçou um gesto protector:

— Ora... o rapaz ficou contente.

Era a respeito da segunda opera comica d'aquelle, do coisa... do Julio Dantas—vá lá a alcunha, já que o nome não se póde dizer.

Sim, o rapaz ficou contente; todos nós estamos contentes. A duvida entra nas nossas almas, a fome ronda as nossas portas e todos nós temos um riso nos labios e uma camelia no peito.

Mas seja o que fôr, o sr. Abel Botelho é um escriptor antes de tudo. Debaixo do seu nome, confundindo-se com elle, existe essa enorme responsabilidade dos seus livros escriptos; e n'estas condições eu não hesito em qualificar de completa miseria o seu artigo ás mães.

Já não lhes bastava, a essas pobres mulheres, a ordem roubar-lhes os filhos e a disciplina matá-los; ainda era preciso que este tenente coronel, abusando do seu logar de escriptor, venha agora fallar ao seu sentimento.

«Se os não quereis vêr morrer, alistae-os nos quartéis.»

Bem os vi, ha pouco tempo ainda, os vossos filhos, victimas do sol da Africa e cavados pelas suas febres, heroes extenuados d'essas grandes victorias criminosas, pelas estreitas ruas d'uma capital egoista, arrastando-se de miseria.

Elles não morreram, não, porque elles soffrem!

Elles não morreram, não, ai d'elles; porque elles têm fome, elles não têm saude, elles, os Fortes, nem alegria têm! e debaixo d'um sol resurgidor de vida, elles são os parias a quem até já tiraram as espingardas para poderem affirmar a sua dôr.

E não serão precisos os conselhos do escriptor, porque o tenente coronel Abel Botelho lá estará, talvez rispido e severo, com os seus galões e a sua auctoridade de official, para os alistar nos quartéis.

Elles lá irão sempre, sempre, carregados pela ordem e embrutecidos pelo meio, adeante d'essa imperdoavel lei; defendendo-a com os seus corpos e com a sua força que faz falta á Natureza—e não é preciso que o sr. Botelho escreva tão mal para isso.

O seu artigo, pois, ainda é inutil além de mau; e o orgulhoso desprezo que senti ao lê-lo, é de me sentir incapaz—eu, com vinte e dois annos—de pactuar com essa decadencia ou de a defender com a minha penna.

Ella está aqui, bem segura na minha mão, e n'esta clara manhã cheia de sol e de alegria, sinto-me bem com a Vida e com a minha mocidade em pisar toda essa desgraça debaixo do meu desdem.

Nunes Claro.

A PINTURA

Joanninha



QUADRO

por **Adriano de Sousa**

Para a Exposição da *Sociedade Nacional de Bellas Artes*

Colheita de inverno

.....

ENTRA a fazer calor, os theatros estão a fechar, as ricas madamas preparam-se para fugir; esta Lisboa, dentro em pouco, vae ficar insipida — dizia-me, n'outro dia, alguém, bocejando de tédio na previsão d'um tédio futuro.

— Pois é verdade, respondi eu, Lisboa no verão é aborrecida. Ao menos no inverno ha animação, bulício, escandalos para assumptos das conversações, e o frio e a chuva no fim de contas incommodam menos que a torreira do sol dos longos dias quentes.

De facto, a Lisboa pacata dos mezes de calor, quasi sem gente, abrazadora como uma fornalha a arder, vazios os cafés, os espectaculos acabados, as noutes silenciosas, amollece o corpo e aborrece.

Comtudo, para evitar este aborrecimento, ha tambem, n'aquellas extensas tardes de molleza em que o crepusculo cae, lentamente, como um véo extenso toldando o céu e o ar, e nas almas se profunda uma nostalgia immensa pelo sol que morre, a evocação instinctiva das scenas que passaram, a galope, no frio inverno, dos factos que observámos por essas ruas, a recordação, por ultimo, das mil historias que ouvimos n'uma casa illuminada e confortavel emquanto a chuva, cá fóra, batia nervosa nos passeios e nós, entre um *grog* quente e o fumo aprazivel d'um delicioso cigarro, iam, em mente, encabeçando nomes ás reticencias dos narradores.

Ah! mas o evocar é tão pouco para satisfação do espirito impenitente á contemplação exclusiva do passado que forçoso é dar-lhe outro entretenimento mais forte.

Foi assim que eu pensei, este anno, recoltar observações durante aquelle tempo em que nos acotovellavamos ás bancas dos cafés, ruidosamente; nos juntavamos nos restaurantes, nas salas dos theatros, por toda a parte, avidos de prazer, e essas observações tornadas notas onde a realidade sangra, porque constituem pequenos extractos d'uma vida social, se não servirem para o estudo dos homens e das cousas, servirão, pelo menos, para se lerem.

Ahi lh'as deixo; é a minha escassa colheita.

Este é, até, o trabalho arduo da Natureza recolhendo no inverno para repartir no verão; é a vida da propria Terra a ensopar-se d'agua durante horas sem fim para florir, depois, ao louro sol do estio em plantas lindas, em branco trigo, em douradas uvas; é emfim, em época inversa, a preocupação da formiga, tão salutar e tão pratica, que a cantora cigarra, a eterna bohemia, com toda a superioridade do seu formoso canto, não duvidou acceitar-lhe, com um conselho, uma reprimenda:

«Cantavas? Pois dança agora!»

*
* *

Mas o que observei eu?

Vi os homens, obcecados pela ganancia, aos empurrões n'uma lucha feroz como se fossem inimigos; as mulheres donairosas flanando sempre pelas ruas n'um incrível desprezo pela sua casa e pela sua familia; notei nos olhos das creanças muito pouca ingenuidade já, como se nas-

cessem prevertidas dos ventres das mães; encontrei muitos velhos sem coração e, invertendo os papéis com os novos, enquanto estes choravam um choro fingido, dizendo-se scepticos, descrentes, sem mocidade, elles apregoavam uma frescura que não tinham, imaginando, talvez, uma força desaparecida; vi irmãs sem amor; noivas sem alma; e quasi todos desperdiçando, loucamente, em cousas futeis, a vida que a Terra nos dá.

Uns, os felizes, d'olhos fechados ás desgraças, ás miserias; outros, os miseráveis, perdida uma energia, arrastando-se aos baldões da sua má sorte na ideia de ser impossível um remedio efficaz para o seu constante mal. Emfim, um horror e uma grande Injustiça.

Dépois, a par d'isto e sobrelevando tudo, muito egoismo e uma espantosa vaidade!

Nas artes, quasi todos sem uma fé artistica; nas letras, tanta gente sem um claro ideal! A Vida, então, aberta, por uma impotencia dos braços, ao primeiro arrojado que quizer trepar, deu-me, n'uma tremenda analogia, a semelhança d'uma messalina impudica de carnes á véla, peitos escarrapachados, olhos de furia e cabelleira doida.

Na sua bocca pareceu-me ouvir-lhe este grito: — *A Humanidade é má; salve-se quem puder!*

Oh! não, meus amigos, a humanidade não é má, nós é que nos fazemos maus. Porque, despresando o fim principal da nossa existencia, invadimos attribuições, saltamos por cima das nossas forças sem um fito, sem uma esperanza, sem um ideal redemptor.

Salve-se quem puder é a confusão, é o *pandemonium* da mediocridade trepadora, avassallante, deshonesta, para nos vencer pelo espanto e pelo terror.

Era, por isso, que ainda ha dias, um velho, ferrenho apologista do passado que não volta, me repetia com denodo:

— E os senhores fallam do tempo antigo! Pois olhem que no meu tempo havia honestidade e agora nem isso ha.

— Decerto que não ha, porque atravessamos uma crise terrivel de consciencias.

— Não é só de consciencias, é de tudo. Veja, por exemplo, a litteratura tão parideira hoje que é preciso até calafetar-se uma pessoa, se não mettem-nos á força os livros por debaixo da porta.

Tinha razão o velho, porque as Letras fazendo-se assim parideiras é que se prostituíram com todos. E que Litteratura, santo Deus! Rufiões, os heroes; meretrizes, as ingenuas!

*
* *

Porém, é necessario não vêr em tudo deshonestidade, porque tambem ha muita loucura. E, porque a loucura se desenvolveu dentro das Letras, n'um avultado grau, apresentando, por vezes, nos seus interpretes, bellos typos de manicomio, a medicina quiz tomar conta d'ellas. Max Nordau chamou doidos aos philosophos, aos poetas, aos prosadores, e d'ahi, principiou a vincar-se no nosso paiz, e em certos espiritos, a ideia de que, sem passar pela Escola Medica, não havia interpretação justa para o Sentimento e para o Raciocinio. Quer dizer: a Litteratura começou a considerar-se uma Arte subsidiaria para o Progresso humano, apenas com a chancela dos medicos.

E' certo que a medicina favorece o estudo do homem; que a anatomia, a physiologia, a psychologia e a pathologia, as variadas bases,

enfim, em que a sciencia medica assenta, são da maior utilidade para a orientação do criterio e do sentimento, do mesmo modo que, sem a philosophia, o coração humano não tinha avaliado, jamais, o odio d'uma injustiça ou o amor d'uma boa acção; mas crêr viavel, só, uma expansão da alma ou a explanação d'um pensamento, quando a classe medica a carimbar, é um erro.

Pois não digo uma mentira quando affianço pensarem certos espiritos, levados em demasia pelo espirito da classe, que além dos seus collegas não pode subsistir a litteratura; e, pelo mesmo criterio, só elles produzem o bom no dominio das lettras, e só elles as podem apreciar. Ora, isto tomado em semelhante exclusividade, é um fracasso, — um fracasso para as Lettras e um fracasso para a Sciencia.

Entretranto, alguém o julga assim, e por esse motivo é que eu ouvi, ainda ha pouco tempo, ao representar-se n'um theatro, n'este inverno, uma peça d'um medico, o seguinte dialogo entre dois homens:

- Vamos esta noite á Severa?
- Não, dizem-me que é uma borracheira.
- Qual! E' d'um nôsso collega...
- Então vamos!

*
* *

Ah! mas eu vejo reluctancia, n'alguns olhos, em acreditarem na verdade inteira do que estão lendo. Querem exemplos? E' natural que sim e eu vou dar-lh'os.

Certo que das Escolas Medicas do paiz têm saído profundos escriptores, artistas, poetas, os quaes sem esse curso, teriam sido da mesma forma poetas, artistas, escriptores. Porém, das outras Academias, da Universidade e dos varios estudos superiores, tambem têm vindo engrossar a fileira das Lettras portuguezas muitos espiritos preclaros. Simplesmente, o que todos elles fazem é abandonar logo o seu curso ao dedicarem-se d'alma e coração á Litteratura, porque ella tem um apprendizado grande, tem seus mestres, seus espinhos, suas responsabilidades, e assim o medico ou o advogado que se dedica por vocação á dramaturgia deixa de ser outra coisa mais do que dramaturgo; o que faz romances é romancista; o que faz versos é poeta; o que se embrenha nas philosophias é philosopho. Porque o seu curso, se não atrophiou uma aptidão especial, é quasi sempre impossivel de caminhar na pratica ao lado da vocação predilecta, visto terem todas as carreiras serios embaraços e a vida do homem não póde abranger mais d'uma, com a mesma força. Já Balzac dizia que o homem, repartindo a sua energia por varios ramos da intellectualidade, em vez de progredir, dividia-se, o que quer dizer em logar d'um homem, se tornava em varios pedaços d'homem.

Ora o que nós queremos hoje atraz d'uma profissão é um profissional, porque o diletantismo nas Lettras, que devia ser prohibido como se prohibe ser medico sem carta, tem dado o resultado dos editores reservarem só para elles os proventos do mercado litterario portuguez.

E porque não ha de ser assim?

Pois, se assim fôsse, não teriamos nós todos os que nos interessamos pelos progressos do nôsso paiz e pelo bem-estar da raça humana, a desventura suprema de vêr alguns nomes illustres de medicos e de professores, ao quererem, como diletantes, invadir outras attribuições, fiados em que a Medicina é a chave do Pensamento geral, fracassarem redondamente nas suas locubrações litterarias.

Porquê?

Porque não deram annos ao officio, e se é verdadeira a aptidão individual para um determinado fim util á sociedade, é tambem verdade que, sem o cultivo d'essa aptidão, a inferioridade será manifesta.

E' por isso que nas festas, nas apotheoses ou nos enterros de medicos insignes, não é raro vêr homens intelligentes, como o dr. Bello de Moraes, dr. Curry Cabral, e tantos outros, querendo fazer rendilhados de phrase nos seus discursos, persuadidos de que isso é Arte, cairem no ridiculo.

Por exemplo, no elogio de Manoel Bento de Souza, exclamava o dr. Curry Cabral, todo enlevado nas suas palavras:

«São sempre as palavras simples e apropriadas, enlaçando-se como fios delicados, na urdidura de transparente teia, atravez da qual se vê o pensamento a esvoaçar laborioso e incansavel na colheita da idéa que transforma em luz.»

E era elle, que reclamava palavras simples como a expressão natural do pensamento, que, por um dilletantismo d'arte, fazia tal labyrintho de palavreado!

Outro, o dr. Bello de Moraes, em 1 de dezembro de 1899, escrevia a respeito do sabio dr. Camara Pestana:

«Enovelam-me, nimbos de tristeza, as recordações d'essas horas tragicas.

«Luiz que vida em fóra, simples e modesto, viera, tenaz mineiro caboucando a esphyngue do ignoto, attinge a meus olhos agora a grandeza epopeica dos justos.»

Então isto é Arte?!

Pois, meus amigos, se isto assim continúa temos, nós que labutamos n'este ingrato mister da Litteratura em Portugal, de nos matricularmos n'uma Escola Medica para que as nossas pessoas sejam, d'ora avante, tidas por elles na devida conta.

E então, quando nos apresentarmos como escriptores e medicos, elles dirão:

— Tate, que este é genio; tem cá o nosso curso.

Depois nas portas das academias de medicina portuguezas, inscrever-se-ha este curioso lettreiro:

FABRICAM-SE MEDICOS E GENIOS

Cuidado com as contrefacções

Fernando Reis.



Estou triste demais. Chove lá fóra
Como n'este papel eu choraria,
Se podesse mandar-t'o n'esta hora
Ou estar seguro de que alguém o lia.

Traço nos vidros baços o teu nome...
Porque hoje a noite nem me trouxe estrellas,
— Se as procurar na dôr que me consome,
Lerei nos vidros o que leio n'ellas.

Podesse eu ver-te os olhos bem no fundo !
 Estende-me d'ahi as mãos leaes...
 E ninguem sabe o nosso amôr no mundo,
 Nem tu mesma... que sabes tudo o mais.

Porque é que tu não foste hoje aos *Cyprestes*?
 Não era dia de lá ir, — dirás.
 E que fique eu p'ra aqui com sonhos d'estes,
 Que eu vá lá p'ra te vêr e tu não vás!

Lá estive umas horas dolorosas
 —E tão perdidas!—entre a minha magua,
 Um lenço que esqueceste, e as pobres rosas
 Que esqueceste tambem de pôr em agua.

A arvore pequena em que outro dia
 Tu poisaras os labios um bocado,
 Toda cheia d'orvalho, estremecia
 No teu formoso chôro costumado.

E ouvi que, como tu, a pobresinha
 Me perguntava, assim chorosa e bella,
 Se é certo que seria sempre minha
 Ou se eu outras amava mais do que ella.

A agua azul do lago era tranquilla,
 Sob o sol d'oiro que a enchia de lume,
 — Como é sereno o azul da tua pupilla
 Quando eu te fallo, ás vezes, de ciume...

Todo o dia eu passei sósinho e mudo,
 Longe da vida, o coração maguado...
 —«Não era dia de lá ir...» Comtudo
 Tu bem podias ter adivinhado.

Guedes Teixeira.

O "Syndicato da Inveja"

.....

AINDA não ha muito tempo, no decurso d'uma transitoria campanha politica cujo resultado representou, para o meu espirito, um definitivo golpe na illusão do suffragio popular, um homem de intelligencia e de character intentou, elevando-se acima do limitado conflicto dos interesses e das paixões, e atacando ousadamente uma das muitas distincções hypocritas com que o convencionalismo social disfarça a realidade das cousas, reclamar para a politica portugueza uma indispensavel selecção de caracteres.

Esse homem é o dr. Brito Camacho, e esta formula: *selecção de caracteres*, apresentou-a elle como thema d'uma d'essas dissertações doutrinarias que a policia não consentiu, alcunhando-as, no seu calão pittoresco, de *circumferencias scientificas*. Não poude, pois, o energico publicista desenvolver-lhe toda a sua formidavel significação, mas essa formula é, por si só, tão nitida, tão precisa, tão eloquente, que ninguem poderá deixar de a abranger n'uma comprehensão immediata para o effeito das logicas e fataes consequencias a que o seu enunciado nos conduz.

Não ha que duvidar. A crise de que enferma a sociedade portugueza é essencialmente moral. Mas não é só na politica que a villania dos homens amordaça as consciencias dentro do peito deshonorado. Cumpre generalisar a phrase candente a todas as intervenções sociaes. Assim, para me cingir ao caso, que quero tratar, da arte portugueza, no indeciso periodo que atravessamos, deve-se accentuar que muito se enganaria quem a julgasse em circumstancias de maior pureza do que as da politica nacional. Uma e outra equivalem-se, na misera situação a que chegaram.

Não é só para assaltar uma pasta ministerial ou uma cadeira legislativa em S. Bento que se recorre aos processos mais vis e vergonhosos que abastardam e deprimem as manifestações da intelligencia. A burla, o logro, a mystificação grosseira e o cynismo desmascarado, estão na ordem do dia para todas as victorias faceis; o galopim que, por artes de prestidigitación, nos rouba o voto, é irmão gêmeo do litterato que, affixando um sentimento falso como Judas, nos proclama principios convencionaes que nos desorientam; um vae para o Terreiro do Paço, outro para a Academia, esses dois focos da delapidación sem rebuço ou do dogma com ranço,— e a ambos move o mesmo interesse sordido, ambos rastejam na mesma ignominia, para depois se levantarem na mesma ridicula, mas perigosa supremacia!

Não preciso citar agora nomes. Os que leem estas palavras estão já enfileirando sob a classificação que estabeleci uma leva que seria de verdadeiros presidiarios das letras, em qualquer paiz onde a consciencia publica não permittisse que a Arte fôsse uma simples exploração mercantil. De resto, esses nomes vão apparecer, pesquisados, a um é um, n'uma tarefa que nada terá de gloriosa, mas que tem muito de hygienica. Hoje, seja-me concedido que eu não saia d'este campo de generalidades que deliberadamente escolhi para n'elle desenhar o quadro da nossa vergonha. Conheçamos o mal, para o combater,— e o mal é este, é esta gangrena, é esta miseria, é esta prostituição que fez da penna uma arma suspeita e até da intelligencia, em certos casos, uma qualidade perversa.

*
* *

Tudo, em volta de nós, além de problematicos riscos de fronteiras, vibra e se commove ao sopro de novas idéas e de generosos sentimentos, expressos com essa formosa e desesperadora simplicidade a que só attingem, na torturada arte de escrever, os grandes cerebros irmanados aos grandes corações,— não ha nada que se não aproveite, na Realidade, para fazer viver um beijo que se descerrou em labios imaginarios; não ha detalhe que da Natureza se não recolha para dar linha e som e côr á idéa corporisada na palavra. De toda a parte, como avança um mar, na marcha tranquillada da sua força, um hymno de libertação chega aos nossos ouvidos, não já n'um brado violento de morte, mas n'um canto pacifico

de vida. A intellectualidade cosmopolita congregou-se toda na mesma cruzada; dir-se-hia que assistimos á formação d'uma estranha maçonaria que une na mesma palavra de ordem todos os espiritos privilegiados da terra. Reclama-se Justiça, prega-se Bondade.—E' a voz de Tolstoi, é a de Zola, é a de Galdós? Quasi que se não sabe, de tal forma se confundem esses idiomas estrangeiros n'uma só linguagem universal que se traduz, mais do que no ouvido, no coração. E' um canto,— é o Ideal, emfim, tornado um appello redemptor á Vida!

Mas este appello, escutam-o os outros povos dos labios dos seus apóstolos, na mesma lingua, original e amada, em que está a alma da sua terra e o azul do seu céu. A nós não nos succede outro tanto. Essa arte, que é feita para o povo, porque interpreta as suas esperanças e illumina o seu futuro, é desconhecida do povo portuguez. Só um pequeno grupo de privilegiados por circumstancias de educação a conhece e a goza,— porque é um indefinivel goso ouvir uma bella voz vestir de eloquencia as nossas aspirações que baluciam e tremem na penuria da sua hesitação.

Com effeito, essa arte que é feita para todos os povos, para todas as raças, para todos os homens, nós,— aquelles mesmos que a podemos comprehender,— temos que a lêr n'uma lingua estrangeira. Vale-nos, na generalidade, a vulgarisação franceza. Vem-nos da França, como uma corrente de novo ar, essa rajada de idéas que atravessa os Pyreneus, dentro d'uma caixotada de livros, com a marca de Paris. Mas esse beneficio não é, para nós mesmos, isento de desgosto,— porque comparamos, e soffremos com essa comparação.

Sim, o contraste não póde ser mais frisante. Lá fóra, tudo avança; a banalidade rhetorica está banida como um brinquedo de creanças; comprehende-se a missão da arte e, reivindicando os seus direitos, accitam-se os seus deveres; trabalha-se com o espirito para uma grande colheita de almas como se trabalha com o braço para uma grande seara de pão; a penna é já, a valer, aquelle *bon et mále outil, bon aux fortes mains*, de que fallou um homem que lhe sabia o peso e que foi um valente batalhador d'uma causa perdida, Louis Veillot; gerações inteiras caminham para a batalha das idéas com o grande estímulo d'uma voz nacional, que sôa como a voz materna, a mandal-as avançar contra o Preconceito; os paizes pequenos e escravizados tem d'essas vozes; a Suecia tem Ibsen, a Polonia tem Sienkiewicz, a Hespanha tem Galdós,— e só em Portugal, como se fóra Marrocos, não se encontram vozes que traduzam, com um esforço igual de arte, esses pensamentos de que já se encontram possuidos os paizes intellectuaes. esses robustos principios que já se vulgarizam lá fóra, exercendo a sua bemdita missão educadora, quer dizer: satisfazendo almas e formando caracteres.

*
* *

Porquê? Porque esta falha, duplamente lamentavel para a Arte e para o Progresso? Fallei em *formação de caracteres*, lá fóra; o mesmo foi evocar, por associação de pensamentos, a nossa crise moral. E n'ella está a explicação cabal do phenomeno. Porque,— esta é a verdade,— nem os escriptores consagrados nem os novos profissionaes das lettras cumprem o seu dever. Nem uns nem outros,— esta é a verdade,— se preocupam n'outra cousa que não seja o culto da sua vaidade ou as premeditações dos seus interesses. Os consagrados, muito embora alguns tenham começado por adaptar a sua arte ás idéas novas do seu tempo, ankylo-

saram-se nos seus triumphos, e pode arder Troya que ninguem os arrancará á sua quietação beatifica. Qual d'esses velhos escriptores imita, por exemplo, Zola, subordinando sempre a sua poderosa intelligencia aos modernos ideaes?

Entre os *outros*, que formam a litteratura de 2.^a, 3.^a, 4.^a classe, e etc., não se pensa senão em obter a protecção dos consagrados, á custa dos mais baixos servilismos que podem deshonnar gerações. Assim, copiam-se os seus gastos processos; falla-se a sua linguagem inexpressiva já a ouvidos que requerem outra audição; exprimem-se apenas as suas mesmas idéas de ha trinta ou quarenta annos. Não ha originalidade, não ha viveza, não ha esse espirito de combatividade que mesmo, cedendo ao impulso da ambição, e á sede de gloria, e errando em seus intuitos, aquece comtudo a alma dos que amam a mocidade nas manifestações do seu espirito insubmisso. Eça caracterisou bem este estado juvenil, dizendo que os que lhe succediam davam ares de caminhar encostados a muletas. Pois agora é peor: rasteja-se. O invalido ainda é um homem; o reptil nunca o será.

Em face d'um publico que já conscientemente requer idéas verdadeiras e sentimentos authenticos, ergue-se pois esta litteratura amorpha, incaracteristica, vasia e immoral. Um ou outro brado tem cahido, como uma pedra, n'este pantano. Mas falta cohesão a todos esses esforços, emquanto que da parte dos altos egoistas impenitentes e dos plumitivos mediocres se forma uma barreira impenetravel de elogio mutuo, de auxilio mutuo, e egualmente de silencio mutuo sobre a apparição de taes clarões,—porque o silencio é tambem uma despresivel justificação dos caracteres vis e das almas seccas.

*
* *

Tal é a situação, tal é o quadro da arte portugueza,—chamemos-lhe assim,—n'este inicio d'um seculo predestinado. Vendo-o, sentindo-o, com a dor, a indignação e a revolta com que eu o vejo e o sinto, não ha ninguem, de rosto descoberto e alma franca, que possa vir dizer-me que advoga este *statu quo*, o qual deve já estarrecer de espanto pela sua impunidade os que o desfructam e fazer córar da sua fraqueza os que o continuam poupando. A crise é moral? Pois bem, seleccionemos os caracteres. Em toda a linha,—d'aqui, d'ali, de toda a parte. Purifiquemos a Arte, e depois poderemos batermo-nos com valor, principios contra principios. As pennas não são gazuas de gatunos nem punhaes de *condottieri*: são espadas para os bons combates, á luz do sol.

*
* *

Não ha muitas semanas, quando um certo facto artistico veio ruidosamente constituir o mais alarmante symptôma da baixeza a que desceu o nivel intellectual portuguez, correu de bocca em bocca, vindo não sei d'onde, como *sobriquet* anonymo imposto a tres ou quatro consciencias que não souberam calar o seu protesto, esta phrase: *o syndicato da inveja*. A facadita resvalou, porque a significação da phrase atraçoou a intenção que a vibrara. Sim, essas consciencias, que eram tres ou quatro então, mas que amanhã serão centenas, milhares mesmo, formam na realidade um agrupamento, reunido sob uma commum inveja. Sim, essa inveja existe! Não é, porém a inveja das posições d'elles, tantas vezes

alcançadas de rastos; dos seus romances pagos aos editores; dos seus dramas com seis representações; dos seus livros de versos para distribuir pelos amigos, nem dos seus logares na Academia Dentaria ou na outra; é a inveja, sim, e profunda, legitima e cruciante, d'esses paizes de verdadeira educação mental, que são authenticos meios artisticos, e onde nunca se consentiria, impunemente, a apparição, e muito menos o pseudo triumpho de charlatães da praça publica que tivessem a ousadia de se disfarçar em escriptores!

Mayer Garção.

Palavras de Bligot

.....

O CONDE de Bligot teve uma destas coroações tão bizarras, que ao pé della Pan ficaria certamente ridiculo. Nessa noite, em que o levamos á ceia apothetica entre mil acclamações, não direi pagãs... mas, pelo menos, apocalypticas, pozemos-lhe na redonda cabeça, de fauno pelludo, uma formosa corôa de rabanetes, de cenouras, um verdadeiro alegrete da praça da Figueira!

Era preciso simbolisar esta especie de mattoide, a vera effigie do homem de talento, e, como tal, lançal-o no mercado, apregoal-o aos editores, de modo que as emprezas dos theatros, os directores dos jornaes vissem nelle um genio authenticico.

Era uma obra de justiça.

O conde malavindo com politicos, por causa das lettras, indisposto com litteratos, por via de invejas... aniquilava-se, descoroçoando sem ver meio de estampar toda a obra inedita que vai desde *Ó que viveu de amor*... até á *Larradeira*,—peças de costumes livres, cujos respectivos successos nos parecem immediatos, garantidos, solidos!

Como poeta, o conde tem um livro de lyricas, que se intitula *Tudo*, para o qual já pediu prefacção a um illustre academico que lhe chama nas palavras de exordio, entre muitas coisas, marquez de Pombal da litteratura contemporanea!

Nestas condições, a apotheose impunha-se.

Além d'isso, Bligot é uma tara de modestia; vive, como muita creatura, de salamaleques quotidianos na Arcada e nos vestibulos ministeriaes, pedindo *armações*, offerecendo-se em troca para recados, sem quebra de espinha, porque espera, a cada momento, uma proposta para socio da Academia...

Em boas relações com toda a gente que se presa, apertando a mão a cocheiros com redeas activas de qualquer governo... vai, apesar d'isso, todos os dias jantar ao hotel da Barafunda do Campo das Cebolas da senhora duqueza de Palmella. Porque é alli, ao contacto da turba sinceramente esfomeada, que mais póde sentir perspectivado o orgulho preterito dos ancestraes, ao mesmo tempo que estuda o vocabulario popular, afim de tornar o dialogo das peças bem adjectivado, com o calão proprio e copiar bem a côr local, não soffram os personagens de incongruencia, da falta de meio, etc!

O verbo illuminado tem-lhe servido para demonstrar verdades crueis, sanguineas, quando de copo na mão, em attitude messianica, mais

parece um thaumaturgo que vai para hortas, um cocheiro que nos leva á rua da Gloria... do que um conde, um poeta, um philosopho! A sua palavra tribunica, aquece, puxa pela sympathia de todos os estomagos, ainda os não indifferentes ao bacalhau, affagando-lhes a consciencia que, no dizer synthetico de Bligot, é difficil trazer limpa, quando a barriga não ande pejada...

Temos-lhe dito muita vez que não frequente o hotel da Barafunda, que arranje uma cathegoria que não seja a de infeliz... mais official, menos hypothetica, e elle responde-nos invariavelmente:

—Nada! eis o que sei escrever ou dizer! Podia ainda catechisar com os meus olhos tristes, bonitos, em extases... de Santa Thereza, uma moçoila com dote ou velha millionaria, para defender a barriga e a cabeça; mas não quero transigir, porque seria descer até ao *vulgaris* processo da pesca ao dote como qualquer *rastaquouère*.

E' mister que vocês saibam, diz Bligot, que não usufruirá independencia aquelle estomago que não digira más vontades, boas ou tristes opiniões, sorrisos reticenciados e olhares especiaes de condolencia que nos lancem os nossos inimigos...

Na politica, como na litteratura; na Arte, como no parlamento; no ministerio, como nas Cosinhas Economicas, o bipede e bimanó é sempre o mesmo:—mollusco e camaleão!

Todos transigem, porque todos teem medo de falar alto, não lhes metta o dono da tasca um tostão a mais na conta ou não venha querellar o ministro alvejado pela verrina.

Chegámos á cobardia mental de que não consegue ermar-se o espirito mais obstinado ou a consciencia mais tranquilla. E a rasão é principalmente — a do regimen de tolerados em que vivemos...

Ninguem está onde deve estar; os logares publicos tomam-se de assalto ou á napolitana, sem concurso, por empenhocas escandalosas; as bancadas de S. Bento juncam-se de mediocres, de galopins; os ministros são jesuitas; alguns jornalistas creados de servir; os taberneiros adoptaram titulos; as messalinas envergonham as mulheres casadas; os androgynos, os ephebos trepam por todos os lados; muitos litteratos fazem fretes, e não raro os dramaturgos escrevem borracheiras por que são consagrados!

Deste modo é impossivel fazer que floresça, no rincão patrio, a flôr da independencia, o lirio da honestidade, a trepadeira da Arte!

—P'ra quê! não vale a pena ser honesto em Portugal...

Mas, continuava elle, não tenho tempo nem geito para me dedicar a estas questões sociaes; eu sou apenas um dramaturgo, e por isso só me occuparei desta bandalheira litteraria que por ahi vai, porque a respeito de politica, temos ahi o Cayolla, por exemplo, que é capaz de nos provar que o paiz está com o melhor dos ministerios possiveis...

Na arte, sim, posso dizer alguma coisa!

Entretanto, vocês comprehendem que é preciso toda a cautella, porque a recua dos consagrados, atolada até ás orelhas, escoicinhará.

Não lhes atiremos pedra para o charco, porque a lama cloacina esparrinhará da peripheria para os lados e vermo-nos-hemos com ella pela cara.

Cautella, portanto.

Podemos chamar-lhes deshonestos, caixeiros, proprietarios da tripeça, mas não burros por via dos coices...

E devemos tomar um, o que fôr mais jesuita, para servir de es-

A CARICATURA

Depois da "Sevéra"

Desenho de **Arnaldo Ressano**

— Marqueza, isto é descer ?

Depois da ceia



Desenho de **Arnaldo Ressano**

— O conde, isto é que é subir!

pantalho, porque aos outros, dá-se-lhes dois pontapés, se deitarem os corninhos de fóra.

Ora, entre esses panurgios, é maioral o auctor do *Nada*.

Conhecem-n'o?

Não lhe discutamos agora a obra sem a desinfectarmos primeiro... E como desinfectal-a?

Muito simplesmente, diz Bligot:

— Este dramaturgo com força de lei... de réclame, teve a pecha de *traduzir* coisas de toda a gente que escreveu primeiro do que elle.

Vamos por ordem:

N'O *que morreu de Amor*, (acto segundo) *Pero Ruiç* que foi, ao que parece... amigo de Arvers, sabia-lhe o soneto celebre de cór, e um bello dia impingiu-o á tia que, por signal, não gostou de o ver estropiado tão desastrosamente.

O mesmo indigete amoroso depois da declaração á *Maria Paes* golfa, no ultimo acto, um chorrilho de tolices philosophicas á Schopenhauer. Se não tivéssemos ouvido um monologo parecido da bocca de *Cyrano de Bergerac* em situação analoga, escripto por Edmond Rostand, tinha aquelle o inconveniente de não poder acreditar-se num selvagem ou barbaro do seculo XIII.

A seguir, no *Viriato Magico*, digo — *Viriato Tragico*, encontramos a caricatura de *Iago* que diz tambem, em ritornello da philosophia de *shakespear's soap*:

atira barro á parede...

atira barro á parede...

Demos de barato que não haja aqui analogia com a phrase do inimigo de Othello:

mette dinheiro na bolsa,

mette dinheiro na bolsa,

Entretanto, pondo-se de parte a idéa de um plagiosinho... ficam ainda os typos morbidos: *S. Vito* e *Pero Gafo* que desbancam os do auctor do *Hamlet* e as gigantes figuras de Victor Hugo...

Em Portugal, depois de Gil Vicente, do comedeographo que a inquisição assou na fogueira, e a seguir a Garrett, não ha nada que se compare a' *O que morreu de amor*, phrase que escapou ao Sarcey portuguez que faz criticas semanaes no *Jornal do Commercio*.

Mas ainda temos *A Severa*, onde, sem irmos mais longe, encontramos aquella deliciosa *tirade* para o Augusto Rosa fazer toda a especie de *rodriguiños* fanhosos:

Marqueza, isto é descer?...

a qual *tirade* tinha sido, felizmente, escripta por outras palavras no *Alcacer-Kibir*, por João da Camara, senão estava agora o *D. Guido* pelas ruas da amargura...

Parece, porém, que este processo de *pesca* ia dando mau resultado n'*A Severa*. O seu auctor havendo necessidade de um acto, como o da praça de touros da *Carmen*, esqueceu-se de arranjar musica adequada, por isso que toda a gente esperava que o conde, depois de tourear, se sahisse com esta, cantando á pecora amada:

Não me fujas, ó tyranna...

emquanto que, por seu turno, o *Custodia*, uma especie de *D. José*, colleccionador de teias de aranha, deveria retorquir-lhe :

Agora é que me bandeio...
Agora é que me bandeio...

E, finalmente, no ultimo acto desta peça do *high-life* fadistal, temos ainda o reviramento ou transição dessa Magdalena de seis vintens, quando se atira aos braços do conde depois de o descompor :

Que, se tu não viesses, eu morria...

Alguns amigos de Peniche quizeram ver n'isto uma *trouvaille*. Porque não ? E' realmente um *achado* que o sr. Dantas foi encontrar na *Zazá*, apenas um pouquinho mais bem feito... na peça de Berton e Simon.

E para remate temos, como prova irreductivel da honestidade deste poeta, a seguinte quadra que elle ou o Eugenio de Castro *traduziram* ao Baudelaire da *Bénédiction*, das *Fleurs du Mal* :

Quando elle te florir de entre as douradas côxas,
Se ainda trazer vida, estrangula-o : demente,
Por não pores as mãos n'aquellas carnes rôxas,
Pede a alguém que te dê um pontapé no ventre.

E como em todas as peças ha varias phrases como esta do *Viriato Tragico* :

A mãe era cabra... o pae arcebispo...

podemos cotejar estes insultos infames ao acto mais encantador da especie (que até para os rusticos é poetico) com a seguinte carta que esse *petit Brummel* escreveu nas *Novidades* :

CARTA A'S MÃES

Senhoras :

Venho pedir-vos a leitura d'um livro portuguez.
Falla de alegrias que dão vontade de chorar, de coisas que só os regaços das mães entendem, dos mil nada do amor, dos beijos que se não repetem, das palavras que se não chegam a dizer...
E' um livro para mulheres, um livro para mães. Vós todas, que já conheceis a bem dita dôr de ser mãe, que já sabeis por que modo um beijo floresce n'um raio de sol, por que geito um coraçãozinho nasce de outro coração, haveis de sentir a alma molhada de lagrimas ao folhear esse livro de amor e de enternecimento. E agradecer-me-heis, por certo, vós todas, creaturas nascidas para a ternura, vós todas, que eu já cuido vêr sem vos conhecer ainda, faces d'uma pallidez religiosa, cabeças illuminadas d'uma graça de Boticelli, — vós todas me agradecereis, por certo...
Vós todas, cujos dedos foram creados para desfolhar rosas, botae-as, piedosamente, sobre o precioso livro, e volvei os olhos misericordiosos para esta desamparada litteratura de Portugal !

JULIO DANTAS.

E aqui teem, exclamou Bligot, porque acceitei a consagração que vocês me fizeram.

Não sou ainda tão cabotino que não possa dizer *sem receio de ser immodesto*...

— Não vale a pena ser honesto em Portugal !

Affonso Gayo.

Idyllio no Paraiso

.....

Como abrem as romans, deixando ver a côr
dos vermelhos rubis eguaes na côr ao sangue,
sua bocca vermelha abriu n'um tentador
sorriso ao pé de Adão . . A sua face exangue
repousava na relva, unida á sua fronte,
e o genio do Senhor fazia despertar
com os raios do sol a vida em cada monte,
na floresta, no val, no céu, no grande mar !

Correu a Creação para a vir saudar,
e veio a rosa e disse : "O' mystica rainha,
aspira o meu perfume !" A abelha o nectar deu
e gorgoeou-lhe um hymno a simples avesinha,
e sobre o seu cabello o rócio veio do céu !
Inclinou-se a palmeira e o lirio sempre amado,
branco de neve, e todo esculpturaes primores,
beijou-lhe os alvos pés. A corça e o veado
vieram com os leões, os bravos rugidores,
e lamberam-lhe as mãos. Um doce e meigo afago
lhe fez o nenuphar aberto sobre as aguas,
que reflectiam o ceo n'um bonançoso lago.

Foi um grande prazer,—o de ignorar as maguas !
quando atravez do bosque, a passo vagaroso,
se esconderam os dois nos ramos das alfombras,
adormecendo, emfim, n'um sonho venturoso,
sob os sagrados ceus, vestidos pelas sombras.

Dias d'Oliveira.



A Arte em Portugal

.....

I

Restringir a actividade litteraria á Arte pela Arte, na qual quasi so-
mente se pretende fixar e erguer o bello da forma, é perpetuar o divor-
cio entre os Artistas e o resto da Sociedade, essa grande multidão humana
trabalhadora que pelas aspirações se lhe torna antagonica e separada.

E' preciso que a Arte represente sempre alguma coisa de elevado
e verdadeiro, de humano ou pantheista.

O escriptor, como diz Hugo, ha de ter mais que tudo a força
da convicção que lhe defina nitida e accentuadamente as linhas superio-
res do seu temperamento, fazendo resaltar a sua superioridade intellectiva.

Porque é ella que dá ás palavras essa extraordinaria magia de
sugestão que domina e arrasta, n'uma vibração unisona, a milhões d'ho-
mens, unidos pela mesma fé, guiados pelo mesmo ideal, quasi transfigu-
rando-os n'um santo entusiasmo, quente como a lava, vivo e brilhante
como o sol, na plenitude d'uma sagrada Crença.

Porem os litteratos novos do nosso paiz, quasi todos escrevendo

por *dilletantismo*, dos sentimentos e das ideias não sentem mais que as sombras.

Atravez das suas paginas, não se sente palpitar a vida n'um grito de intensa e delorossissima mágua, nem se ouve o echo longinquo da estranha agonia do povo, vencido traiçoeiramente pela desgraça, na lucta violenta e tenebrosa da vida.

Escrevendo, elles sentem-se á vontade, como quem para diversão se faz um jogo de paciencias, ou, n'um almanak, decifra, pachorrentamente, uma charada.

Onde encontrar ahi a comprehensão d'aquelle alto principio tão superior e moral de Leão Tolstoï—o fim da Arte verdadeira é hoje realisar a união fraterna dos homens?

Elles não poderão acceitar nunca, na estreitesa da sua viciada e falsa educação intellectual, esse luminosissimo axioma.

E como hão de elles acceita-lo, se lhes falta inteiramente a suprema faculdade da creação que é o divino condão do Genio que sublima a realidade, o Genio que em toda a obra d'Arte,—ou seja um quadro, um livro, um monumento ou uma partitura,—é sempre o que nos subjuga e nos empolga na surprehendente e fulgurantissima belleza da Verdade eterna!

Tambem, as suas obras d'Arte, não sendo um reflexo forte, como que vibrante de Vida, para que na Humanidade possam influenciar, não poderão ser nunca, por isso mesmo, a expressão clara, vivida e triumphante do Bello!

Isto mesmo se está evidenciando nos livros que, dia a dia, vão apparecendo nas nossas livrarias, com uma abundancia singular que a alguém recordará, talvez, os sete annos de fortuna do reinado do Pharaó, mas que são bem, na verdade—embora isto pareça paradoxal—os outros sete annos de absoluta e misera esterilidade.

Ha por ahi *novosinho* que dá por anno á sua patria quatro e cinco volumes, para os quaes a imprensa portugueza tem sempre o estrallejar farfalhante das girandolas rethoricas, como, n'um palanquim de feira, para a diversão do respeitavel publico, o histrião tem sempre uma nova acrobatices ou uma farça inedita para exhibir.

Foi esta criminosa inconsciencia do nosso jornalismo, réclamando esta abundancia esteril de publicações sem valia que, maximamente, contribuiu para a modificação adequada d'aquelle dictado popular que, mesmo entre gente relativamente culta, tomou ha muito fóros de bôa maxima: «quem não tem que fazer, ... faz livros».

Coimbra

Lopes d'Oliveira.

Os Theatros

.....
D. Amelia

PETRONIO peça em 5 actos e 6 quadros, extrahido do *Quo Vadis?* de Henrik Sienkiewicz, por Marcellino Mesquita.

ENTRE os applausos inconscientes do publico sem orientação artistica, e os artigos louvaminheiros de meia-duzia de criticos sem consciencia nem vergonha,—prosegue a empreza do theatro D. Amelia, completa-

mente refractaria a ideaes artisticos, no seu caminho de indecoroso mercantilismo.

Depois da *Severa*, a *Coralie*, e em seguida o *Petronio*.

Esta ultima peça porém, firma d'uma maneira inilludível a decadencia do theatro em Portugal.

Porque se a empresa do theatro D. Amelia tem a obrigação moral de não depravar o gosto esthetico do publico; se o snr. Dantas tem, em facé da Consciencia e da Arte, o dever de não procurar no escandalo e no calão o successo das suas peças, — ao snr. Marcellino Mesquita cabe, pelo valor dos seus trabalhos anteriores, a imprescindível obrigação de conservar puro o seu nome d'artista.

As difficuldades com que Marcellino Mesquita teve de lutar, apesar dos profundos conhecimentos de technica theatral que sempre tem affirmado, são talvez o unico argumento com que se possa emprehender a defeza d'esta sua nova peça.

Na longa serie de tentativas feitas para transplantar o romance para o theatro, nenhum trabalho se aponta que tenha conseguido reproduzir bem, na synthese que necessariamente tem de fazer-se, o natural desenrolar da acção que é sempre atropellado, na imperiosa necessidade da divisão d'actos, de todos os arranjos scenicos. Os personagens que, no romance, se podem definir nitidamente, ficam sempre mal vincados e indecisos quando transportados para o drama.

Mas no *Petronio*, alem d'essas falhas inherentes a todas as peças extrahidas de romances, ha o defeito enorme e indesculpavel de não nos mostrar, na sua verdadeira luz, a idéa fundamental da obra de Sienkiewicz.

O *Quo Vadis?* romance modelar na factura e na forma, um dos estudos mais completos da antiga Roma, mostra-nos duas civilisações muito differentes e o combate de duas ideaes completamente antagonicas, personificadas por Sienkiewicz em *Petronio* e *Lygia*: o paganismo que morre e o christianismo que nasce, — as velhas ideaes e os velhos preconceitos que desabam em ruidosa derrocada, perante a belleza e a justiça dos ideaes christãos.

E' este o motivo emocional do romance. E' isto que o torna grande, porque Sienkiewicz se possuiu do sentimento christão, porque o auctor sentiu.

Petronio, ali, é muito, mas não é tudo. O personagem mais importante do romance, a figura que o auctor mais cuidadosamente trabalhou, aquella que mais nos prende e nos encanta, — é *Lygia* que symbolisa o christianismo nascente cheio de mocidade e de fé, e em quem o auctor personifica a Polonia opprimida e escravizada que se ha de revoltar e que ha de libertar-se.

Ora a peça de Marcellino Mesquita não é extrahida do *Quo Vadis?*; póde ser, quando muito, inspirada n'essa bella obra.

Porque extrahir uma peça d'um romance não é fragmenta-lo e isolar, desnudado de todo o interesse, um d'esses fragmentos; não é, n'um romance que vive do combate de duas religiões, do contraste de dois ideaes: a Belleza e o Bem, mostrar-nos, só e nua, uma das faces da obra.

E foi isso que Marcellino Mesquita fez. Pôz o *Petronio* no primeiro plano e reduziu *Lygia* a figura secundaria; mostrou-nos o paganismo, e só de relance nos deixou entrever os christãos. Não nos soube dar na scena a mesma emoção grandiosa que Sienkiewicz nos deu no romance; não se impregnou das ideaes christãs, não teve um grito de entusiasmo

por essa bella religião de egualdade; não teve um grito de revolta contra as infames prepotencias de Nero. Não sentiu, enfim.

Alem d'isso, na banal avidez de *fazer theatro*, de arranjar fortes effeitos scenicos que empolgassem e fizessem vibrar a inesthesica maioría do publico, deturpou, consciente e deshonestamente, o character dos principaes personagens, a quem Sienkiewicz insuflára verdadeira vida e que o snr. Marcellino Mesquita conseguiu, com uma rara habilidade, reduzir á simples condição de desanimados e ridiculos fantoches.

Aquelle disparatado Petronio, — que ora é arbitro das elegancias, ora é moço de forçado, — é o mais extravagante e inepto personagem de quantos, pela peça fóra, se lembram de dizer coisas, envoltos n'uns farrapos de côr, abrindo muito os braços e berrando muito os *salvé!*, na impotente aspiração de parecerem romanos.

Para todos aquelles que conheciam o Petronio do *Quo Vadis?*, frio e correcto, altivo e desdenhoso, deve ter sido grande a surpresa ao ouvirem-no, cheio de entusiasmo e calor, contar o combate do touro e do Ursus. Devem ter ficado bem surprehendidos de verem o Petronio a dar urros ferozes, a bater os pés no soalho e a fazer tregeitos ridiculos, — coisas muito habituaes no sr. Brazão, mas muito pouco communs n'um estheta.

O Nero é incaracteristico, falho de coherencia e de verdade. E para o completo abastardamento d'esse personagem, concorre grandemente o actor Augusto Rosa que, por ser consagrado, se julga dispensado de estudar os papeis e os interpreta da maneira mais commoda: reproduzindo sempre, com uma insistencia irritante, uns certos e determinados typos de peças anteriores. Assim, o Nero que elle nos mostra é um Nero de capa e espada e *claque*, mistura dos seus eternos duque de Septmonts e D. Cezar de Bazan.

Esse Paulo de Tarso da peça, que nada tem de commum com o authentico Paulo, é uma figura irrisoria e desconchavada, d'um grotesco extravagante. Ali não ha nada de verdadeiro, de estudado. A historia põe-se mais uma vez de parte, mais uma vez se despreza o *Quo Vadis?* para conseguir uma scena de effeito, uma d'essas scenas á Sardou, descosidas e illogicas.

Aquelle não é o Paulo que todos nós conhecemos, indulgente e bom, cheio de doçura e suavidade. E' um Paulo de Tarso inedito, arrebatado e feroz, que insulta e amaldiçoa Nero com largos gestos de charlatão de praça publica.

E como poderá o sr. Marcellino Mesquita provar a verdade historica da prisão de S. Paulo? Que auctoridades citará? Como poderá provar-nos a seriedade e o conscienciosismo da sua arte?

E' o que não sabemos. Mas parece-nos que a documentação de semelhante trapalhada é mais do que difficil: é impossivel.

E francamente, affigura-se-nos pouco serio e pouco artistico sacrificar a *trucs* usados e banaes a psychologia dos personagens, saltar por sobre a historia, por sobre a honesta obra de Sienkiewicz, — cujo nome serviu de engodo para attrahir o publico, — no unico intuito de arrancar palmas á parte ignorante e ingenua da plateia.

Apontados estes defeitos, capitaes e indesculpaveis, parece-nos so-bejamente demonstrado ser a peça de Marcellino Mesquita, dados os seus precedentes litterarios, muito inferior ao que havia a exigir do seu talento. Mas no insuccesso do *Petronio* nem só ao auctor cabem culpas.

Ha que fazer a partilha, equitativa e justa, de responsabilidades, e, n'este attentado contra a Arte e as algibeiras do publico, gravissimas cumplicidades devem ser apontadas.

Isto entende-se principalmente com a empreza e o scenographo.

Com a empreza, porque montou o *Petronio*,—peça que requer grandiosidades de scenographia e vestuario como lhe foram dadas, por exemplo, em Paris,—com uma pobreza reles de theatro d'opereta; que mandou fazer togas que dão pelo joelho aos interpretes, não podendo allegar, com verdade, ignorancias ou difficuldades em estudos do vestuario da epocha, pois em qualquer dictionario d'antiguidades romanas encontraria sufficientemente desenvolvido esse assumpto.

Quanto ao sr. Piña diremos que,—havendo para o estudo da architectura romana tantas e tão authenticas fontes, havendo os trabalhos de Vignol, dado o caso de não querer consultar livros onde o assumpto é tratado com mais largueza,—as scenas que pintou para o *Petronio* nem sequer critica merecem, visto a manifesta falta de estudo, e a manifesta incompetencia que do seu trabalho resalta.

E o publico que vê, o que sabe quanto se pôde hoje pedir á scenographia, quanta seriedade e honestidade se deve exigir d'uma empreza,—dado o character instructivo e moralizador do theatro,—se ainda se não revoltou contra estes e outros indecoros profissionaes, breve se affirmará, não um cumplice como até aqui tem sido, mas um severo e rigido castigador de quantas deshonestidades artisticas por ali pullulam.

Resumindo: aquella architectura romana de theatro de feira; aquellas togas economicas que dão a todos os personagens o mesmo ar de miseria que só Chilon deveria ter; aquelle Nero de papelão; aquelle *Petronio* a gingar,—tudo aquillo nos dá a impressão, nitida e grotesca, d'uma revista do anno.

E creia o sr. Marcellino Mesquita,—o auctor da *Dór Suprema* e dos *Peraltas e Sécias*,—que, n'esse campo, não conseguiu desbancar o Sousa Bastos.

Costa Carneiro.



A **Revista Nova** abre as suas columnas á collaboração de todos os artistas novos, e acceita e agradece todos aquelles trabalhos que, não se revelando antagonicos aos seus intuitos expostos no prospecto-programma que a precedeu, revelarem estas duas imprescindiveis condições,—intelligencia e estudo.

Todos os originaes não publicados serão restituidos.

